

# 165 Dezembro é o mês das bruxas

As maiores dificuldades do governo de Fernando Henrique aconteceram pela segunda vez em dezembro, mês que antecede a data de sua posse. Em 95 o governo enfrentou o escândalo do grampo telefônico que derrubou Francisco Graziano e o embaixador Júlio César Gomes dos Santos.

Graziano, antes de ser nomeado, para o Incra, fora secretário particular do presidente. Interlocutores de Fernando Henrique explicam que foi mais fácil para ele administrar a crise da lista do BB do que o escândalo do ano passado.

No caso do grampo, as acusações colocaram sob suspeita o Sivam, um projeto envolvendo investimentos estrangeiros. Foi criada até uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado para investigar as denúncias e que não encontrou irregularidades.

A quebra do Banco Nacional, mesmo envolvendo a família da nora do presidente, Ana Lúcia Magalhães Pinto, chamuscou a equipe econômica mas não atingiu Fernando Henrique. A oposição tentou acusá-lo de beneficiar o Nacional, mas não foi bem sucedida. Assim como ainda não emplacou a proposta de criar uma CPI dos Bancos, que também investigaria denúncias sobre uma possível omissão do BC no controle da situação do Econômico.

De qualquer forma, o Proer é considerado pelo presidente como a marca mais negativa de seu governo. Antes da eleição, receava que os candidatos dos partidos governistas fossem prejudicados pela má compreensão do Proer. De fato, o senador José Serra, o único que o presidente apoiou ostensivamente, teve que responder a críticas ao programa em sua campanha para a Prefeitura de São Paulo.

“Não adianta, ninguém mais convence o povo de que o Proer não deu dinheiro para banqueiros”, teria desabafado o presidente na época com um de seus líderes.